

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Lula domina a cúpula do Brics

Ausências dos presidentes da China, da Rússia e do Irã jogam no colo do presidente protagonismo e condução das discussões do bloco

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA
» VÍCTOR CORREIA

Três importantes ausências tornarão a cúpula do Brics, em 6 e 7 de julho, no Rio de Janeiro, um cenário a ser dominado pelo Brasil. Isso porque o evento não contará com as presenças dos presidentes da China, Xi Jinping, e do Irã, Masoud Pezeshkian. Havia a expectativa de que o líder russo Vladimir Putin estivesse, finalmente, presente, mas o Kremlin recuou. Todos participarão dos debates por videoconferência.

No caso de Xi Jinping, a desistência surpreendeu e decepcionou integrantes do governo, uma vez que ele jamais deixou de comparecer a uma cúpula dos Brics — exceto durante a pandemia de covid-19. O Palácio do Planalto foi avisado da ausência pelo embaixador chinês em Brasília, Zhu Qingqiao. A justificativa para a desistência de vir ao Brasil é “conflito de agendas”. A representação será feita pelo primeiro-ministro Li Qiang.

No caso de Masoud Pezeshkian, a Embaixada em Brasília afirma que a viagem está sendo avaliada. Mas, nos bastidores diplomáticos, o cessar-fogo do Irã com Israel não é considerado uma segurança suficiente para que ele se desloque de Teerã para o Rio de Janeiro — sobretudo porque é considerado um alvo pelos israelenses e poderia ser alcançado em espaço aéreo internacional. Além disso, tornou-se prioridade para o governo dos aiatolás a recomposição da infraestrutura nuclear e militar do país.

Em relação a Putin, a desistência foi confirmada na quarta-feira

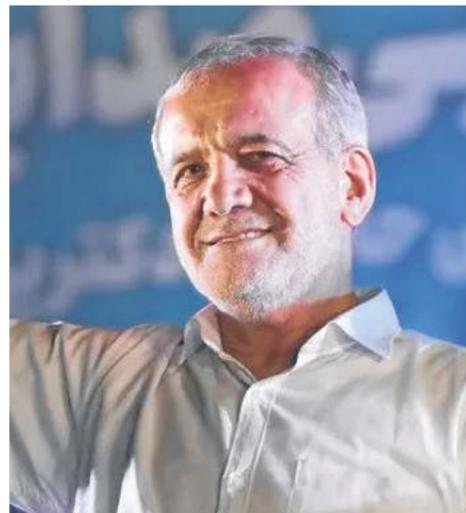
Alexander Kazakov/AFP



Noel Celis/AFP



Atta Kenare/AFP



Brasil não deu garantias e Putin desistiu da vinda ao Rio

Xi abriu mão da viagem devido a “conflito de agendas”

Pezeshkian é considerado alvo militar pelos israelenses

pelo assessor de política externa do Kremlin, Yuri Ushakov. Conforme salientou, o governo brasileiro “não conseguiu assumir uma posição clara que permita a participação do nosso presidente na reunião (no Rio de Janeiro)”.

A dúvida pairava porque o Brasil é signatário do Tribunal Penal Internacional, que expediu um mandado de prisão contra Putin — em aberto desde 2023 — por crimes cometidos na invasão à Ucrânia. Embora decisões do TPI não sejam terminativas, o governo brasileiro seria obrigado a prender Putin no momento em que ele desembarcasse. Afinal, descumprir a decisão do tribunal coloca em risco a participação do país na Corte. A Rússia será representada pelo chanceler Sergei Lavrov.

Outros chefes de Estado e de governo, por sua vez, confirmaram a viagem. O primeiro-ministro da Índia, Narendra Modi, aproveitará também para fazer uma visita de Estado e será recebido com honras pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ao menos 28 líderes foram chamados para a cúpula, 20 dos quais são países membros ou parceiros do bloco.

Efeito simbólico

Para o professor do Instituto de Relações Internacionais (Irel) da Universidade de Brasília (UnB) Antônio Jorge Ramalho da Rocha, a ausência de Putin e Xi esvazia apenas marginalmente a cúpula. Ele avalia que a presidência brasileira

dos Brics vem sendo intensa, mas ficou “espremida” entre o G20, no ano passado, e a COP30, em novembro — eventos tratados como prioridade pelo governo. Com a entrada dos novos membros plenos e de parceiros, as discussões deste ano têm cunho mais técnico, reorganizando os entendimentos e o funcionamento do grupo.

“A ausência pode, até mesmo, beneficiar a qualidade do diálogo técnico, tão necessário nessa etapa do processo de conhecimento mútuo das partes”, observa Ramalho. Ele aponta que os resultados mais importantes do debate virão a longo prazo, com a construção de entendimentos sobre o financiamento do desenvolvimento sustentável, cooperação em saúde global e regulamentação sobre

inteligência artificial. Esses diálogos levam a decisões conjuntas e posições consolidadas junto a outros órgãos internacionais — sobretudo as Nações Unidas.

A guerra entre Irã e Israel será mais um tema a ser debatido. “Será importante para os estados-partes conhecerem melhor as posições do Irã”, pontua Ramalho.

Para o analista de política internacional da Consultoria BMJ Vito Villar, a presença do Irã aumenta a complexidade do encontro. Apesar de defender a paz, o Brics não costuma assumir uma participação direta em negociações de conflitos entre países para evitar uma divisão interna. Embora China e Rússia sejam parceiros históricos do Irã, outros membros, como a Índia — igualmente aliada do regime dos

aiatolás —, têm relações importantes com os EUA.

“Ao mesmo tempo, o Brics deve aproveitar para criticar eventuais ações unilaterais norte-americanas na região, projetando a ideia de um mundo multipolar, mas evitando comprometer a coesão do grupo ao defender explicitamente o Irã”, avalia Villar.

De acordo com Alexandre Andreatta, professor de relações internacionais no Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP), embora a ausência de um líder importante resulte em um “menor impacto simbólico” e na capacidade de articulação direta entre os líderes, abre-se o espaço para o maior protagonismo do Brasil na condução da agenda do Brics.

Luis Robayo/AFP



Eventual visita de Lula a Cristina pode dar munição aos bolsonaristas. Por isso, a dúvida sobre o gesto

Primeira ida a Buenos Aires

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva participa da cúpula do Mercosul, a partir de quarta-feira, com uma missão: dar mais um passo para que o acordo com a União Europeia finalmente seja concretizado nos próximos meses. O acerto entre os blocos se arrasta, apesar de, aparentemente, as resistências do governo da França terem sido superadas. A ideia é instar os demais países a atuarem mais ativamente para que, finalmente, haja um ajuste para o livre comércio.

A agenda brasileira inclui, ainda, propostas de cooperação regional em segurança pública e integração comercial em setores estratégicos. Também está na pauta a conclusão da incorporação definitiva da Bolívia ao bloco — o país passou a fazer parte do grupo de países em julho do ano passado. Outro item é a integração das cadeias produtivas do setor açucareiro e automotivo.

Mas a ida de Lula à Argentina tem, ainda, mais um simbolismo: pela primeira vez ele vai ao país vizinho desde que Javier Milei chegou à Casa Rosada. O presidente argentino já avisou que não estará

presente ao evento — virá para um encontro de extrema-direita que os bolsonaristas estão promovendo em Balneário Caboriú (SC) e pretende se encontrar com o ex-presidente Jair Bolsonaro.

Desinteresse

Milei deixou claro, inúmeras vezes, que não tem nenhum interesse de que a Argentina permaneça no Mercosul — a saída, porém, precisaria ser ratificada pelo Poder Legislativo do país vizinho e ele não tem maioria suficiente para remeter uma mensagem com a proposta. Assim, esnoba o bloco como forma de marcar posição contrária diretamente a Lula. Da mesma forma, Milei faz esforços para aproximar seu país dos Estados Unidos por afinidades ideológicas com o presidente norte-americano Donald Trump — e até se apresenta em foros internacionais como um dos seus interlocutores preferenciais.

A presença de Lula em Buenos Aires, porém, embute uma delicadeza diplomática: a possibilidade de fazer uma visita à ex-presidente

Cristina Kirchner, de quem é amigo pessoal. Por ter mais de 70 anos de idade, ela cumpre prisão domiciliar depois que foi condenada por favorecer Lázaro Báez, dono de uma empreiteira e amigo do casal Kirchner. Segundo a denúncia, ele venceu 51 licitações para obras públicas, muitas delas superfaturadas e sequer concluídas.

O problema é que, caso Lula decida fazer uma visita de cortesia a Cristina, entrará na mira de Milei e, nos bastidores da diplomacia, poderá ser entendida como uma provocação. Apesar de o presidente argentino vir ao Brasil (pela segunda vez) para participar de um foro de discussões entre integrantes da extrema-direita, o Palácio do Planalto não quer dar munição aos bolsonaristas para o caso de Lula visitar a ex-presidente argentina num momento de queda na popularidade junto ao eleitorado brasileiro. Sobre tudo porque os bolsonaristas, sempre quando podem, fazem ligação de Lula com esquemas de corrupção — tal como o asilo concedido à ex-primeira-dama do Peru, Nadine Herédia.

Você sabe onde o fogo começa. Mas não onde ele vai parar.



O DF de olho no fogo.

Na seca, jamais queime lixo em terrenos ou use fogo para limpar o mato. Provocar incêndios florestais é crime. Ligue 193 e denuncie.

